ANO 2.º — LISBOA—SEXTA-FEIRA, 5 DE JANEIRO DE 19..

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 20 CENTAVOS
Administrador e Editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Mundo, 116

A POLITICA INTERNA E EXTERNA DO PAÍS VISINHO

O marquez de Alhucemas

PRESIDENTE DO GOVERNO HESPANHOL

é entrevistado pelo "Diario de Lisboa"

Como D. Afonso XIII fala de Portugal aos homens publicos do seu país

— *Oija ... oija ...*

... Esta evocatoria telefonica faz-nos reconhecer que na verdade os espanhois teem uma altivez racica que lhes defende a lingua dos estrangeirismos e lhes prolonga a vida dos seus costumes tradicionalistas. Encontrei sintetisada, como nunca, essa altivez, numa resposta que me deu, aí por 1921, Miguel de Unamuno, antigo reitor da Universidade de Salamanca. Estando na biblioteca do filosofo, uma ascetica sala terrea de antiga residencia salmantina, a conversar de belas letras, preguntei-lhe:

—Não costuma ir a França?

Apesar de não haver uma terceira pessoa naquela oficina intelectual, Unamuno rodou o seu vivo olhar, encaixilhado nos oculos de ouro, e não vendo ninguem a quem eu me podesse estar dirigindo, senão a ele, informou-se:

—Eu?

—Sim.

—Fazer o quê?!—exclamou o ilustre basco—Se os franceses precisam que eu lhes ensine alguma coisa, que venham a Salamanca, ou então que me paguem a viagem e a lição!

Esta arrogancia, embora tenha muito do independente arreganho biscainho, traduz mais do que o orgulho pessoal do eminente escritor, é a consciencia do proprio valor da Espanha, é a pluma do feltro de Castela.

Emquanto a propria França chauvinista adopta hoje anglicismos, a Espanha traduz os substantivos patrios e gentilicos. Traduziu Louvain, nunca chamou a Verdun, senão *Berdún* e deve ter sido num arreganho de orgulho filologico que a Espanha foi buscar a audacia linguistica de chamar *Gran-Via* á *Via Lactea.*

Todas as vozes que pretendem interpretar a opera—ou a opereta da civilização—evocam as pessoas dalém-fio telefonico com este monosilabo mais feito para chamar almas dalém-tumulo:

—*Allô! Allô!*

* * *

O espanhol, não, senhor. O espanhol, entendendo muito acertadamente que a maior e a primeira recomendação a fazer junto de um bocal telefonico é que o oiçam, começa sempre recomendando á pessoa dalém-fio que oiça.

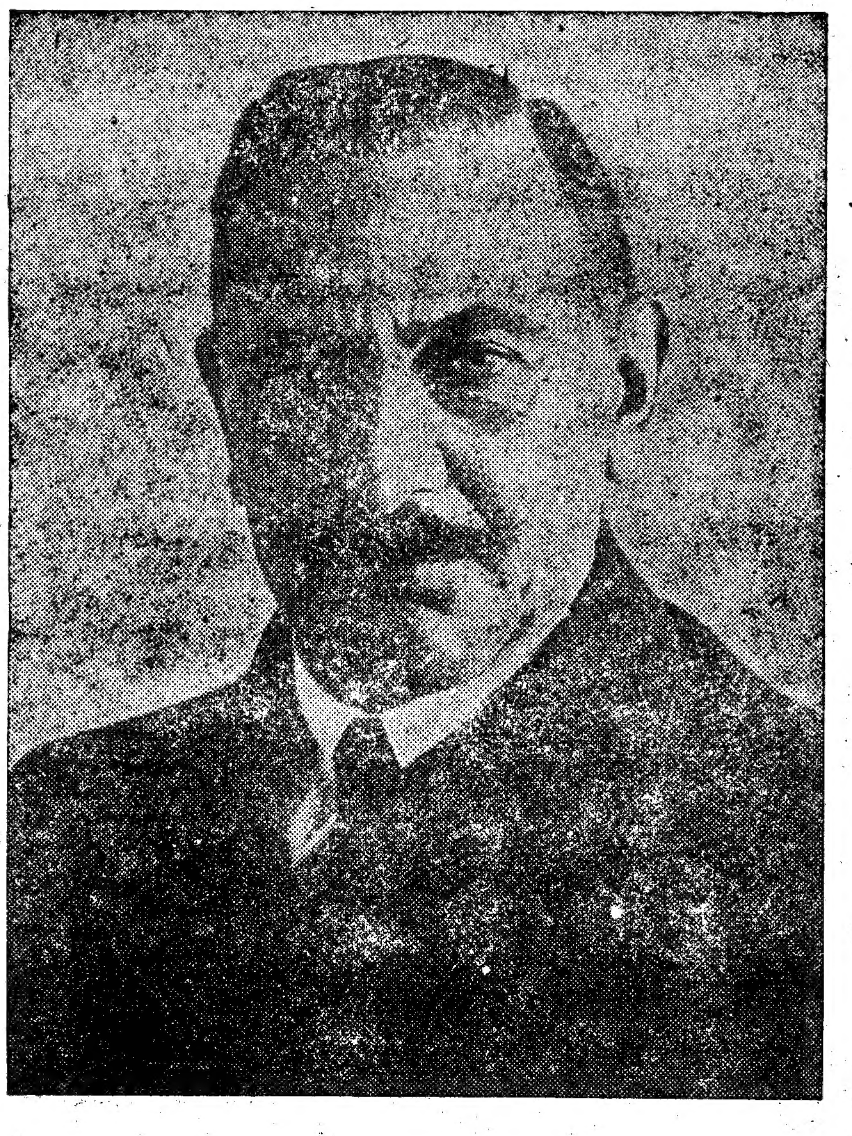
—*Oija ... Oija ...*

E' assim que se nos dirije o despertador telefonico do *Palace,* é assim que nos evocam as vozes femininas, é assim que a voz cheia de D. Joaquin Chapaprieta chama do seu gabinete de ministro do Trabalho para a Presidencia:

—*Oija... oija... D. Eugenio? Está aqui un literato português, muy distinguido, muy notable, un amigo mio, que quiere ver àl Presidiente. Se marcha por la noche. Diga Vd. D. Eugenio... Oie? Oija... oija... D. Eugenio! Diga vd. al Presidiente que haja el fabor de recibirlo pronto... gracias... De seguida...*

Com o nome de D. Eugenio,—o chefe de gabinete do marquez de Alhucenas—escripto a lapis pelo seu punho e num cartão de visita de D. Joaquin Chapaprieta, nos fomos dali, a oitenta á hora, para o Palacio da Presidencia. Mal viu entrar no grande salão doirado, uma cara desconhecida, D. Eugenio veiu a nós, com distinção amavel:

—Já o esperava. Em saindo a pessoa que está com o Presidente, ele recebe-o.



MARQUEZ DE ALHUCEMAS

Agradecemos e miramos, então, o salão onde nos encontravamos: grande salão de palacio, regorgitante de peliças, de fardas, de fisionomias distintas, graves, vultos do partido liberal, altos cargos, bem, bem duzentas pessoas que esperavam a primeira audiencia dum chefe de partido e chefe de governo.

E a porta de acesso a todo o momento trazia do amplo e atapetado corredor novas visitas, que D. Eugenio recebia e cujos nomes inseria no seu longo canhenho, de marroquin escarlate, com fôlhas timbradas pelas armas riais. O amavel e distinto introdutor ia de um grupo a outro, em atenções, não nos esquecendo, e dando-nos ocasião a falar do pequeno mas gracioso Palacio da Presidencia.

—Este palacio pertenceu ao Infante D. Fernando que o vendeu ao Estado. O sr. Dato pensou em o apropriar a residencia do presidente do conselho, e estava a tratar disso quando morreu. Mas não tem condições. E' pequeno.

Alguem empurrou a porta do salão. D. Eugenio deixou-nos. Nesse instante recordamos a nossa surpreza da vespera, quando reconhecemos no sr. Marquez de Allucemas, o famoso politico D. Garcia Prieto. Alguem que sorria da nossa ignorancia, dedicamos esta curiosa e pequenina anecdota que comnosco foi passada, na madrillena *calle* de la Lealtad, 18, com o proprio D. Antonio Maura.

Como o ilustre estadista conhece tudo, e muito bem a bibliografia espanhola, nós perguntámos-lhe se êle tinha ideia de uma publicação *Los Grandes Espanholes* em que dois periodistas fazem a biografia dos *próhombres* do seu tempo, cada um em seu volume e em que nos parecia estar anunciado o volume *Maura.*

D. Antonio respondeu:

—Não, não conheço!

—Não sei se é edição de Madrid, se de Barcelona. Não me recordo, porque há anos que não toco nesses livros. Que a colecção existe, disso não tenho duvida alguma porque possuo mesmo alguns exemplares da serie: o *Echegaray,* o *Galdós...* O que eu queria era que v. me dissesse se está publicado o volume *Maura.*

—Ná... não tenho ideia disso!...

Regressamos a Lisboa, convencidos de que o volume *Maura* não chegára a publicar-se, porque de contrario o biografado não o desconheceria. Nem perdemos tempo em procurar nos livreiros de Madrid esse volume que tanto gostavamos de trazer comnosco, antes de traçar a entrevista com que o decano dos estadistas espanhois nos honrára.

Ao chegar a Lisboa, fomos todavia á nossa desambiciosa biblioteca de trabalho e lá encontramos um volume da coleção: *Los grandes Españolas.* Subscrevem-a *Luis Anton del Olmet y Arturo Garcia Garraffa.*

Foi o meu querido amigo conde de Azevedo que em tempos me indicou esta coleção, e tenho presente o volume: *Moret,* com esta epigrafe: *Paginas que guardan el sutil perfume de una vida que fué todo elegancia.*

Leio o plano da obra e encontro-me com esta certeza: O volume III (já publicado) intitula-se: *Maura.*

Esta coleção teve repercussão dentro e fóra de Espanha, e o biografado de um dos volumes, D. Antonio Maura não conhecia o terceiro volume. Como temos a certeza que é o unico livro que o grande ministro de Afonso XIII desconhece, não hesitamos em trazer esta anedocta a publico para nos defendermos da confusão em que lavrámos algum tempo, supondo que Garcia Prieto e Marquez de Alhucemas eram duas individualidades diferentes. São distintas, mas não diferentes: são a mesma pessoa.

* * *

Logo que D. Eugenio nos introduziu no salão onde o chefe do governo recebia, e que foi logo que terminou a audiencia começada á nossa chegada, tendo a deferencia gentilissima de nos receber antes dos dois centos de altas personalidades que já aguardavam — reconhecemos no Marquez de Alhucemas, um velho conhecimento de tempos em que seguimos de perto a politica espanhola: D. Garcia Prieto.

Muito mais moço do que D. Antonio Maura, o sr. Marquez de Alhucemas é um temperamento absolutamente oposto ao do insigne deputado por Palma de Mayorca, ou não fossem dois homens em oposição.

D. Antonio Maura é o seculo XVII.

O Marquez de Alhucemas é o seculo XX, conservando do seculo XVIII a gentileza e a distinção.

Homem do seu tempo, avançado, é um fidalgo que tão bem estaria na Sala dos Espelhos como no estrado de um *auto,* arrebatando as multidões. O homem que hoje ocupa o Poder, o homem de quem toda a Espanha se ocupa, fisicamente não ocupa grande logar. Meão e morêno, o cabelo, que foi negro, hoje empoado, prata patinada, sobriamente elegante no seu vestão de manhã, e uma vivacidade de olhar, de palavras, de gesto, que afirmam o homem do mundo e confirmam o homem publico.

Temos escrupulo no tempo que vamos gastar áquele chefe do governo, que tem um salão cheio de vultos do seu partido, para re-

(*Vêr continuação na 8.ª pagina*).

A Madeira

Uma carta

Do sr. J. M. Jardim recebemos a seguinte carta:

Sr. director — Permita-me que volte a tomar um pequeno espaço no vosso conceituado «Diario de Lisboa», não para voltar a bradar pela rapida solução a dar contra a crise vinicola que presentemente atravessamos, pois que esta, embora por caminhos tortuosos, lá vai seguindo a rotina traçada pela falta de coesão dos governantes deste nosso velho Portugal, em não estudarem com a devida magnitude os problemas de interesse nacional, mas sim, para pedir providencias contra o abandono a que está votado o arquipelago Madeirense.

A Madeira, perola perdida entre o vasto Oceano, fruto do arrojo dos nossos grandes navegadores Gonçalo Zarco e Tristão Vaz, vive entregue a si, á excelencia do seu clima, á exuberancia das suas montanhas cobertas por densas florestas, á humildade dos seus habitantes. Vive afastada, esquecida do governo da Metropole, e somente é por favor lembrada, aos constantes esforços dos seus delegados junto das estações superiores, e bem assim, para contribuir com uma receita algo importantissima a favor do governo central.

Sucedem-se os governos com frequencia, porém, nós, os governados, é que continuamente arrostamos com essa escola numerosissima de inexperientes que nada teem feito, que mereça um pequeno reconhecimento, pois que são tantas e tão sucessivas as mostras de desemportamento que nos apresentam, que tentar topá-las nestas soltas palavras seria um não mais acabar de recheadas colunas do bem lido «Diario de Lisboa», ou como melhor direi, a descoberta por processos simples do motu-continuo.

Reservei para hoje, o prender a atenção para o estado deprimente, em que se encontra entre nós a circulação das cedulas, papel-moeda. O director de Finanças neste distrito, apesar de haver dedicado todos os seus esforços para conseguir a substituição desses farrapos imundos que já nem se distinguem, teem sido até hoje inuteis as suas acertadissimas deligencias. Porém, um bocado de boa vontade por parte da Ex.ma Direcção do Banco de Portugal, seria o bastante para que nos fossem enviadas umas dezenas de contos em cedulas de 5 e 10 centavos, bem assim como algumas moedas de cobre-niquel dos valores que presentemente dispõem, pois que assim seriam beneficiados o comercio e o publico em geral, nas suas pequenas transacções.

A continuar este e outros desinteresses, por aqueles que bem querem o decoro e a honra nacional, é mais que veridico que a hora de justiça não se fará esperar, castigando sem clemencia, as incurias dos imbecis que em tudo são o travão auxiliador do retrocesso.

A cidade do Funchal, visitada por inumeros estrangeiros, que vêm admirar as belesas naturais da ilha, precisa ser olhada com esmero, precisa possuir o asseio necessario, para o bom nome do nosso civismo e mais ainda para continuar a merecer a fama que hoje já gosa no mundo culto. Para isso é preciso sanear e não esmorecer, começando por retirar até junto das fornalhas da Casa da Moeda, essas migalhas de papel sujas e fedorentas com que cambiamos a libra-ouro-tilintante do tourista que ao deparar com tão atraentes quão cobiçados cheques, ri-se de despreso, arrepia-se de nojo e cospe inumeras veses em gesto de escarneo por tão retinto descalabro da nossa situação fiduciaria.

Cheio de saudade vejo lá muito distante, nesses inolvidaveis tempos, aquelas pequenas moedas de prata, 100 réis, a correr de mão em mão, todas luzidias e sedutoras, lembro-me ainda como se fosse agora mesmo do desprezo que então era votado ás gordas moedas de «uma coroa» que tanto incomodativas se tornavam em nossos bolsos. Ah! como eram esses tempos de economia e de bem estar. As proprias crianças ainda cheias de toda a inocencia e desinteresse pelo dia seguinte, ao serem presenteadas com algumas dessas moedas faziam estas se encerrarem em pequenos mealheiros, e ali as conservavam, até que uma vez homens, ao entrarem na luta pela existencia já encontravam um pequeno peculio com que tentar o desenvolvimento da sua actividade, muitas das vezes em prosperas industrias, fonte da riquesa nacional.

Hoje, porêm, como incutir no genio dessas crianças, homens do futuro, o amor por esses farrapos anti-higienicos que por aí circulam, se nós tambem os detestamos, e quando nos chegam ás mãos, logo tratamos de os empregar em banalidades futis!

E' preciso, é deveras necessario e indispensavel que se tomem prontas medidas para que deixe de circular em quasi todo o país tais fragmentos impudicos, fazendo-os substituir sem demora por novas cedulas que embora dentro em pouco se encontrem no mesmo lixo, atendendo á pessima qualidade do papel empregado, sempre é um remendo á vista daqueles que nos visitam para que não voltem tão desanimados a mal dizer a nossa pessima situação monetaria. Melhores medidas seriam tomadas se em vez de cedulas se facilitasse ao país pequenas moedas de estanho, cobre, chumbo ou ferro, pois que assim não continuaria em circulação esses bocados de lixo que é a vergonha de todos nós.

Agradecendo, sou de v. etc.—*J. M. Jardim.*

Uma noticia alegre

O Coliseu dos Recreios reabre ámanhã as suas portas com uma nova companhia de circo

Desde hoje que nas bilheteiras do Coliseu dos Recreios se podem adquirir bilhetes para a estreia de ámanhã da grande e nova companhia de circo contratada pela empreza daquela magnifica casa de espectaculos e que, certamente, vai causar grande sensação pelo seu original programa.

Se é certo que conservar-se o Coliseu aberto é uma necessidade que se impõe para a população de Lisboa ter uma casa de diversões ampla, comoda e economica, com bons e alegres espectaculos, não é menos certo que contratar-se na epoca actual uma companhia estrangeira para vir a Portugal é um acto audacioso pelo excessivo e continuo agravamento de cambios desde que essa companhia tem de ser paga em moeda tambem estrangeira. Isso, porêm, não importa á empreza do Coliseu que, pondo de parte a ideia de lucros desmedidos, continua a manter os seus preços sem a menor alteração tornando assim os espectaculos do Coliseu não só os mais baratos de Lisboa como os mais baratos de todo o mundo tendo em atenção a diferença cambial.

A empreza do Coliseu manterá as costumadas «matinées» aos domingos e dias feriados e as das quintas-feiras recentemente inauguradas a fim de que as crianças possam gosar um espectaculo tanto do seu agrado, continuando a ter entrada gratuita nestas ultimas os alunos das varias escolas de beneficencia e os internados dos asilos e casas de caridade.

No programa da estreia de ámanhã figuram os celebres artistas: «Trio Brilhantes», ginastas: «Max Kid» e o seu gato mecanico, trepador de cordas; «Trio Fernand Moruadi», saltadores; «Florence e Selika», fantasistas; «Henriette Lefèvre», rainha do «diavolo»; «Maiss», equilibrista; «Irmãos Albanos», clowns e «M.elle Ruth Ryle», equilibrista aerea. Além destes, outros numeros de sensação estão contratados que formarão a companhia melhor do genero que tem vindo a Portugal.

FRAGMENTOS DE FILOSOFIA

MAXIMAS

do notavel sociologo

DR. GUSTAVO LE BON

traduzidas por José Parreira

Os fenomenos sociais apresentam, ás vezes, um ponto critico comparavel ao de certos fenomenos fisicos. Nas imediações desse ponto, influencias fracas podem determinar, num ou noutro sentido, mudanças profundas,—a paz ou a guerra especialmente. As origens das guerras de 1870 e de 1914 verificam esta observação.

* * *

Podendo os mesmos documentos ser interpretados de maneira a mais diferente, a obra dum historiador apenas revela, na maioria dos casos, as crenças e os sentimentos do seu autor

* * *

A Historia permanece tão incerta como os erros ministrados por qualquer escritor dotado de prestigio se repetem atravez dos tempos, bem extraordinarios que eles sejam. Foi assim que, tendo varias gerações de historiadores sustentado, como Montesquieu, que o Imperio bizantino representava um periodo de decadencia, esta opinião obteve foros de opinião geral. Foram precisas minuciosas investigações de erudição moderna para se provar que o Imperio bizantino, que durou perto de mil anos, possuiu, ao contrario do asseverado, uma das mais brilhantes civilizações do passado.

* * *

A Historia, que tem registado tantos factos nascidos do orgulho e da cupidez, não se ocupou ainda de grandes acontecimentos derivados da pura bondade.

* * *

Não tendo bastado as experiencias repetidas durante sete ou oito mil anos para se provar que o progresso dos povos tão sómente se realiza pelas suas «élites», foi talvês util que a ruina da Russia viesse renovar, uma vez mais, esta demonstração.

* * *

O juizo, a iniciativa, o apreço das responsabilidades, qualidades estas que não exigem nenhum auxilio e que não podem passar qualquer certificado, são precisamente as que asseguram o exito na vida.

* * *

Os sabios vêem-se ás vezes embaraçados com determinar as causas dum fenomeno. O mesmo já não sucede aos ignorantes.

* * *

A imprensa canalisa muito mais a opinião do que a dirige. Ela serve tambem para condensar em breves formulas milhares de pequenas opiniões fragmentarias, demasiado incertas para serem claramente exprimidas.

* * *

Os metafisicos que presentemente contestam a realidade do tempo não seriam capazes de negar que uma lei universal obriga os mundos a nascerem, crescerem, declinarem e morrerem. E' a esta lei de transformação que se pode dar o nome de tempo.

* * *

O tempo só nos é acessivel sob a fórma de mutuabilidade: mudança de posição dum astro, duma agulha de quadrante, mudança de aspecto dos seres que nos rodeiam. Nos céus eternos, habitados por divindades que não podem mudar, o relogio do tempo marcará sempre a mesma hora.

* * *

Quem pretende compreender muito depressa está condenado a mal compreender.

José Parreira

COLISEU DOS RECREIOS
ÁMANHÃ — SABADO — ÁMANHÃ
Estreia da NOVA COMPANHIA DE CIRCO
Grandes novidades — Bilhetes á venda

APOLO Telef. N. 4129
HOJE — Em ultimas representações
A revista triunfante
O OVO DE COLOMBO
Original de EDUARDO SCHWALBACH
A seguir a revista
LUA NOVA
Original de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes, João Bastos e Henrique Roldão.

EDEN-Teatro
2 espectaculos ás 8 1/4 e 10 1/4
Recita de homenagem aos autores da revista
TIRO AO ALVO
Reaparição da actriz
MARIA LITALY
Promenoir . . . 1$00

MAQUINAS DE ESCREVER
NOVAS e usadas. Reparações e reconstrucções garantidas. Accessorios. Quintino Ltd.ª. Tel. N. 4225. CALÇADA DO UQUE, 3, 1.º (Junto ao Rocio).

"SANTINITINE"
O MELHOR DE TODOS OS LICORES
DEPOSITO GERAL
70, 2.º — RUA AUGUSTA — 70, 2.º
TELEF. C. 1196

Mundanismo

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as senhoras:

D. Regina Paccini Alvear, D. Heloisa da Costa Morais da Silva Neves, D. Maria Vitoria Duarte Silva Ferreira Lima, D. Maria de Lourdes Garcez Palha de Almeida, D. Maria Josefa de Guimarães Pestana de Magalhaes, D. Maria Emilia Perry Vidal de Pereira Allen de Vasconcelos, D. Maria da Conceição Machado de Castelo Branco, D. Maria do Ceu Couceiro Leitão Ritto, D. Maria do Carmo Mimose de Albuquerque, D. Maria Beatriz Girão, D. Maria Justina Simões Anjos e D. Olga Sassetti.

E os srs.:

Dr. Gaspar de Abreu, Luís de Cabedo e Vasconcelos (Zambujal), Antonio de Oliveira Machado, Antonio José de Melo Machado Campelo, Francisco Pinto Martins e Frederico Guilherme Nunes Teixeira.

Faz hoje anos o sr. Emilio Duff Burnay.

Diplomatas

A convite de madame Cardoso de Oliveira, esposa do ilustre embaixador do Brasil em Lisboa, reuniram-se ante ontem no Palacio da Nuciatura a fim de felicitar Sua Eminencia o sr. Cardeal Locatelli, nuncio de sua Santidade, em Lisboa, depois da cerimonia da investidura do barrete cardinalicio, as esposas dos chefes de Missão tendo comparecido as dos representantes das seguintes nações: Brasil, Madame Cardoso de Oliveira; Inglaterra, Lady Carnegie; Venezuela, Condessa de Planas Suarez; Espanha, Madame de Padilla; Belgica, Condessa de Boudoin Lichtervelde; Argentina, Madame de Cantilho; França, Madame de Bonin; Cuba, Madame de Miranda, e Paraguay Madame de Vasconcelos.

Baptisados

Realizou-se ha dias na Igreja de Proença-a-Velha o baptisado dum gentil filhinho do sr. João Dias (Urgeira) e da senhora D. Maria Ribeiro Dias (Urgeira). Serviram de padrinhos do neofito, que recebeu o nome de Fernando, a senhora D. Maria do Carmo Pereira Prostes da Fonseca Ferreira de Andrade e o capitão de cavalaria sr. Hermilo Pereira Prostes da Fonseca.

Apoz a cerimonia religiosa realizou-se em casa dos país um finissimo *lunch*.

Em S. Carlos

Inaugura-se ámanhã a quarta epoca lirica em S. Carlos, para a qual ha enorme entusiasmo entre as pessoas da nossa primeira sociedade. A' enorme lista que publicamos ontem dos assinantes de camarotes, podemos acrescentar os nomes dos assinantes dos «fauteuils»:

Carlos Nunes Teixeira, Antonio Ferreira Lima, José de Aguiar, Alfredo Correia da Costa, G. Italo Pistone, João Narciso da Silva, Liberato Pinto, dr. Correia Guedes, dr. José Gentil, Alvaro Selles da Conceição, Antonio Judice de Magalhães de Barros, João Magalhães Diogo, L. Routhey Gumer, Raul Macieira de Sousa, dr. Arlindo Correia Leite, general Correia Barreto, João Passos Canavarro, Antonio Julio Pinto da Fonseca, dr. Laranja, Raul Cesar Ferreira, Eduardo David Martins, Lino Ferreira, Carlos de Vasconcelos e Sá, Casimiro Costa Santos, Elizio do Rego Barreto, Manuel Lobo de Avila de Lima, D. Maria Amalia Forjaz Pacheco e Avila, Frederico Azulay, Licinio Cantarino Lima, Luiz Teixeira Beltrão, Manuel Henriques de Carvalho, Eduarde Moser, Francisco Duarte, Henrique Macedo e Faro, Artur Pais de Lima Castelo Branco, Julio Costa, Artur A. da Silva Alves, dr. Antonio de Castro e Sola, Frederico Muller Kjolner, João Duarte, Augusto Lopes Jely, José Martins Castelo Lopes, Alfredo da Fonseca, madame Pinto Ribeiro, dr. Alberto Machado, dr. José Megre, dr. Manuel Duarte, Jonh D. Brougton, George Blach, dr. Fernando Pinto Coelho, Antonio Gonçalves, Guilherme Martins Alves, João Eugenio Gonçalves de Morim, dr. José Maria Vilhena Bourbon de Magalhães, dr. Augusto Camossa Saldanha, Conde de Arrochella, Guilherme Vasconcelos Correia, dr. Elias Barruel, Henrique Catarino, dr. Albano Castelo Branco, José Augusto Dias, dr. José Janeiro, Adolfo de Oliveira Santos, Luis de Almeida Leite, João Caupers, Augusto Borges, Luis Bandeira de Mello, dr. Alberto Gomes, Adriano Julio Coelho, dr. Augusto Vaz, dr. Antonio de Azevedo, Jorge Ornelas de Matos, Eduardo Ahrends de Novais, D. Antonso de Lancastre (Louzã), Luiz Ricciardi, dr. Franciaco Bicudo Medeiros, Tristão de Magalhães, João Vicente de Lima Mayer, José de Sousa Prego, Elias Seruya, Raul Eduardo da Silva Couto, Alexandre Moreira de Carvalho, dr. Alfredo da Cunha, dr. Francisco Pais de Sande e Castro, Carlos da Mota Marques, dr. José Lobo de Avila Lima, Jaime Thompson, etc.

Pontos de reunião

No Cinema Condes

Continua este elegante salão a ser o ponto de reunião preferido pela nossa aristocracia para os seus «rendez-vous» quotadianos, haja em vista o dia de ontem em que tanto de tarde como á noite a linda sala do Condes esteve sempre a regorgitar de espectadores.

Entre a assistencia recorda-nos ter visto ali as senhoras:

Baronesas de Paço de Sousa e de Ortega, D. Maria Augusta de Carvalho Monteiro de Almeida e filha D. Maria de Nazaré; D. Teresa de Mascarenhas Valdez Pinto da Cunha, D. Maria de Mascarenhas Calheiros de Noronha Azevedo e filha D. Maria; D. Matilde de Carvalhal Correia Henriques e filhas D. Augusta e D. Fernanda; D. Raquel Vieira de Matos e filha D. Ondine; D. Ana Emilia Correia Perdigão, D. Maria Luisa Pereira dos Santos, D. Alice e D. Maria Lopes de Almeida, D. Maria Rita e D. Maria Luisa Tavora de Lencastre (Abrantes), D. Maria José Pereira de Lima, D. Maria Luisa Pereira de Lima Mesquita de Sá, D. Joaquim Mitre, Julia Alcobia, madame Ayalla Talone da Costa e Silva, mesdemoiselles Sousa e Silva, etc.

Agenda

A nossa sociedade «smart» dará ámanhã «rendez-vous» no teatro S. Luis, 4.ª recita de assinatura, primeira representação da nova opereta alemã «A ultima valsa», no Coliseu dos Recreios, estreia da nova companhia de circo e no Cinema Condes, «soirée» da moda.

TEATRO DE S. CARLOS
Sociedade do Teatro de S. Carlos, Ltd.ª
Tel. C. 5063
ÁMANHÃ — SABADO, 6 ás 21 horas
1.ª Recita Extraordinaria
CARMEN
cantada em francês pelos primeiros cantores Ellen Sadoven, Stefan Belina e Alfred Maguenat. Estreia da cantora portuguesa Fernanda Côrte-Real.
A assinatura encerra-se hoje, abrindo ámanhã a bilheteira ao meio dia.

MAQUINAS DE ESCREVER
«CONTINENTAL»
PARA ENTREGA IMEDIATA
Telefone N. 3158 Oliver, Lim. R. Prata, 250, 2.º

LITERATURA

"Panelas velhas não cantam nos Reis"

CONTO DA EPIFANIA

POR VITORINO NEMÉSIO

—Pois se comeres as sopas, conto.

Assim falou a Avó. E porque as comi todas, quasi a chorar por mais, e não deixei nada na tijela e fui muito bonito para ser ainda mais gordo — contou. Contou que era noutros tempos (inda falavam nos burricos) e por uma estrada fora iam andando três senhores. Cada qual o de mais teres, logo os vereis: nem eram pimpões nem soberbões. Trajavam de imperadores muito ricos, com grandes mantos de pelucia, cheios de aneis de pedras lindas e suas coroas na cabeça. Tinham tambem seus sceptros com que batiam suas mulas (pois iam os três escanchados) e na ponta de cada um dos paus de prata, uma pomba botava os pesinhos que eram cortados súber o oiro. Só te digo que em riqueza ninguem lhes passava a perna, pois só visto aquele aceio, e tenteado ao pé pelo sr. Matos que é um ourives dos primeiros, se podia com tino dizer o quanto preço mereciam. Mas queria dizer eu na minha, que nem por tanto merecimento e honra (o seu a seu dono se dá) aqueles figuros altos andavam prôas ou tolos. Não. Eles, que tanto podiam e que mandavam em terras e tinham ás portas do palacio arvores de galho rijo para enforcar os salteadores; êles que eram abaixo de Deus e assim podiam matar e ferir sem perigo ou estorvo, e intimar os pobres a porem ali o seu dinheiro, e novidade, e honra de virgens —pelo contrario, eram mansos e tinham falas mansas. Mal comparado: cordeiros, era um *mé-mé* a voz de cada. Nas noites frias de gelo em que os telhados destelhavam, se punham pingando as borralheiras, e um vento forte sacudia as arcas do pão sem migalha, desciam os três de seus tronos, talhados em pedra marmore, e ei-los que se iam pelas ruas. A lama enlameava os seus saiotes guarnecidos. A chuva, basta e impertinente, dava-lhes muita bofetada. Atrás, alagados, iam serventes com carretos. E então, parando ás portas dos ceguinhos, dos rotos, dos que pediam, e daqueles cuja enxada não tinha cabo, contra um canto. faziam mesuras, delicados, e davam muito boas noites:

—Deus esteja e Deus venha!

—Deus esteja nesta casa!

Um aleijado arrematava ás vezes:

—E o diabo em casa dos frades! — pois nêsse tempo os havia...

Então os criados que marchavam á cernelha, punham para ali os seus carretos e davam um ah! de alivio. Tiravam colchas de seda, que cobriam cestos. E por suas mãos, os reis davam bodo de merendeiras de rala e repartiam cobertores. Isto enchia a casa dos pobres como o pegão de vento enchia os quartos. Mas era bom; era um regalo: nem que duma caixa muitas pombas juntas levantassem de repente vôo, e fossem poisar sobre os tirantes. Até os ceus tinham gosto. Longe, as nuvens fugiam como latas de agua ás costas de papões, amaldiçoadas por Deus. E a armação do Ceu punha o seu toldo azul pregado todo de estrelas... Sob esta coberta preciosa é que os reis tornavam a seus palacios, todos três em três montinhos. Cada passada régia era um respingo para os mantos. E em grande estadão, com um cortejo de velhinhos, entravam seus portões que se abriam muito largos e altos, emquanto um criado ia acordar o sineiro da capela para tocar os sinos de alegria. Estas coisas sucediam em Oriente, que era o reino destes reis.

Ora, um dia, que era por sinal uma noite em que chovia a potes, se encontraram os três reis numa sala muito comprida que não tinha paredes nem muralhas. Havia na sala bancos de três pés, imitantes talvez áquele, bem grande, onde o mestre Francisco da Cadeia bate sola e põe tacões. Sim; imitantes; só com uma diferença: e esta é, que ao passo que o do mestre é de pinho e é mal feito, os do palacio real eram tão lindos, tão lindos, que pareciam pregados para os assentos celestes das potestades e dos anjos. Nestes bancos se assentavam os reis e a côrte de seus senhores. Eram magos. Senhoras lindas como o sol bordavam nos seus bordados. Tocadores de muita fama repenicavam nas suas violas. Cantadores, com gargantas afinadas nem orgão sou campainhas, cantavam modas ao despique. E uns pequenos, que eram afilhados dos reis e filhos de gente pobre, vestidos de principezinhos andavam brincando com piões de marfim, deitados com fieiras de seda. (O velho dava de ombros, encolhido. Mas era. Foram-se aproximando e viram que era verdade. Eram pastores com seus cordeiros escanchados ao pescoço; velhas com cestas diam jogar á vontade porque o chão era de pedra—não faziam furos). A parede mestra da sala tinha uma parte em falso, defumada, onde clarões de lavaredas dansavam a «Chamarrita» acompanhados de estalinhos.

Aquilo dava calor, minado de achas como pranchas, algumas bicudas em teta donde uma mão de chama ordenhava resinas alvissimas. Todos gostavam do borralho e estavam ali contentes, a esfregar muito as mãos. Vai, de entre o serão agasalhado, ao repenique das toeiras, um dos reis se põe a pé para ir á janela espairecer. Era uma aberta com vidraças.

Estava cortada na parede, gorda dum metro ou dois, com suas copeiras enfeitadas de rosmaninho e de alfazema. Um alegra-campos, mesmo, arregalava o seu olho mais vermelho que o dum besugo. E o rei, arredando os cortinados e abrindo uma gretinha, meteu a cabeça coroada da sua corôa de bicos como a de S. Luis Rei de França. Era o Melchior. Outro chamava-se Gaspar e tinha uma ladeira... O outro esqueceu-me. Então, abrindo muito os seus olhos vivos e azuis como o céu, parando, depois recuando um bocado como se achasse um agrado ou visse, chinchinho, um brinquedo, El-Rei Melchior pôs as mãos, depois abriu-as, e ficou tal qual como o padre a certa altura da missa, os olhos muito abertos. Lá dentro, as violas tocavam. Fóra, o tempo escampara alguma coisa. Da Tapada, toda coberta de arvoredo, começaram a saír e a cantarolar os tentilhões namoradeiros, os afitadissimos canarios, mais o ladrão do melro preto. Um quarto de lua dôce, como uma foice de roçar, estava estampado a primor na pagina azul do firmamento. E no mesmo, a tremer, a luzir num arrefio de olho, uma estrela pingava como brinco numa orelha de menina. El-Rei Melchior ficou pasmado. Porque logo, estendendo de lá seu braço de oiro, a estrela escreveu mesmo sem linhas as seis palavras seguintes, nos vidros suados da janela:

Eu sou a estrela de Deus.

Melchior curvou a cabeça e entendeu o resto, que era pouco: *Deves partir a adorá-lo.* Partiu. Gaspar acompanhou-o e o outro. Partiram os três em três mulas, levando três cofres e três pagens, por aí fóra. E então, até que chegassem a um sitio que se chamava Jerusalem, apanharam, coitados! a geada e o frio todo deste mundo. A pé e calados, os pagens aguentavam com os cofres, onde iam prendas de valia. Como naquele tempo não havia estradas, os caminhos eram rêgos abertos e acalcados entre as terras. A' beira deles debruçavam-se arvores chocalheiras. Como as canadas de Santo Antonio, os atalhos eram ricos em relheiras, onde as mulinhas entalavam as ferraduras. Mas mesmo assim, no meio de tantos tormentos e trabalhos, Suas Magestades caridosas deixavam os albardões para escancharem caminhantes. Uns eram velhos sem poder, outros capengas como o Francisco Cambadinho.

Uma mulher torta, outra cambaia e outra cega, sem orelhas, abalaram a trote, repimpadas como se fossem gente rica. Até que apareceu Jerusalem. Aí, os reis disseram a Herodes, que era da sua abotoadura—rei na mesma:—que queriam saber aonde estava o rei dos judeus que era nascido. Mas como Herodes não sabia nada, chamou a si os escreventes do seu povo e os principes dos seus sacerdotes. Esta gente usava toda barba, uns mais rala outros vasta, e guardava em arcas encoiradas medas e medas de livros cheios de traça e de sabença. Molhando o dedo, os escribas viravam as folhas amarelas, muito tomados: quando, do seu canto, invernizado, um velho de oculos quadrados levantou o dedo ao ar, todo aos pulinhos. Parecia empregado na Conservatoria e era pandego. Achara: Um profeta escrevera a folhas tantas, verso, que em Belem de Judá viria ao mundo o Cristo Nosso Senhor. Isto foi como quem acha um tesouro. Os reis magos despediram-se de Herodes, que lhes pediu para depois a direcção do Deus Menino; e nas três mulas, que já suavam em bica e estavam amarradas a argolas comendo luzerna tenra, alçaram as pernas e partiram. Então a estrela dependurou-se-lhes na dianteira, como um lampião somenos, e guiou-os. Poz-se a chover outra vez. Seguiam por valados e hortas, encharcados de agua. De vez em quando, encontravam peregrinos regelados, que diziam mal da sua vida. E Gaspar, que era velhote e um pouco giga, gemia do alto do albardão para o... (esquece-me o nome) ou para o outro, que ia atraz:

—Faltará muito, Melchior?

El-Rei Melchior olhava, coitado, para a estrela que luzia sempre e se ia abaixando como o ponteiro de um relogio de safira. Mas vinha um dos pagens, forte moço, com um alento de gigante, e nas ancas da mula de Gaspar dava uma arroxadinha leve com o pingalim de espadana. Eles, tontejantes, despertavam. E assim calados, «toc-toc», foram indo...

Mas já as bocas do céu ao pé da terra, a que alguns chamam horizontes, se iam abrindo devagar para engulir a noite e se tornavam côr de rosa. Devagar, sobre silvados em flôr, passarinhos sem medo dos piques, punham seus pés de quatro dedos. As poças de chuva espalhadas, que tinham espelhado as estrelas, agora clareavam, clareavam como se indo a acender. Urzes, giestas, roseiras, esgalhavam os seus ramos, todos com flores pelas pontas. E a luz do dia chegava. O pagem de Melchior — que ou me eu engano ou era o do cofre de incenso — ia a fumar um cigarro e empeçou numa cancela feita de pinho da terra. O cofre destapou-se, caiu-lhe dentro uma braza, e continuando o caminho foi preciso borrifá-lo de agua porque desprendia um fumozinho. Como vês, iam os seis bem mais alegres e cheirosos. Depois, começaram a ver gente:

—Gaspar: aquilo além, aqueles pontinhos. Vês?

A Gaspar pareciam mexer. Melchior voltava:

—Será gente?

Gama
GRANDE VARIEDADE DE BILHETES, FRACÇÕES E CAUTELAS
para todas as
LOTERIAS
Fornece para revender
PREÇOS CORRENTES
— Pelo correio mais $20 para registo —
TELEFONE NORTE 4020
Pedidos a
F. SILVA GAMA
R. do Amparo, 51 — LISBOA

Não comprem bombons, chocolates, cacaus e drops sem provarem os da
S. I. C.
Rua 24 de Julho, 48
Telefone, C. 651

Entero colite crónica — Seu tratamento
ESTORIL-TERMAS

de ovos muito grossos, de pata marreca e de galinha; raparigas todas frescalhoiças com rosquilhas enfiadas nos braços. Um homem, parecido com o Manuel de Borba, levava um guecho lavrado que erguia o focinho e despedia bafos mornos. Debaixo do braço redondo, um molho de erva da casta Outro, tal qual o Vesgante, ia com duas bocas negras. E numa bandeja forrada, um pequeno qué nem o da Segunda levava um serviço de alfenim com muitas pombas muito brancas, com seus olhos de ervilhaca. Aquela gente toda ia alegre e satisfeita, pelo caminho:

—Sempre desejo me digais — falava Melchior todo digno—aonde vos leva essa pressa e tanta recordaria?

—A Belêm! Belêm de Judá! Ao Infante!

—Eia pois, que é nascido?

—Entre as bestas: vós o dizeis! — arrematava o do bezerro.

Em coro, fechavam todos:

— A Belêm! Ao Deus Menino!

Então um cego, de rabeca, afinou depressa as cordas e pôs-se a ganir com o seu arco. Uma moça ergueu a voz:

Oh meu menino Jesus,
que é da vossa camisinha?
— Está lá adiante, em Belêm,
No colo duma freirinha.

Melchior, Gaspar e o outro rei puxaram as suas patronas e atiraram punhados de dinheiro em prata. E os pastores, á uma, bradaram:

— A Belêm! Vivam as Magestades!

— Vivam! A Belêm!

Estavam já tados no presépio. Ali parara a estrela e se derreteu na manhã que ia tão linda... eu sei cá! Da parte de fora da porta, as três mulas roiam na erva, com os estribos encruzados no albardão, dando ao rabo. Quando, muito contentinhos, entraram os Reis a dansar como quem se despede deste mundo... Já tinham dado os presentes: o oiro, o insenso e a mirra. Os pastores já tinham dado as suas ofertas. E todos, de joelhos, haviam adorado ao senhor sorrindo ao colo da virgem, com tanto fervor, tão de dentro, cheios de tanta alegria, que a vaca e a burrinha ao tabernaculo entraram a berrar e a zurrar de puro contentamento.

Os velhos reis dansavam, dansavam... Era um bater de sapatilhas, *pé-que-tã* e *pé-que-tã*, que ai! ricas solas da minha alma!: iam-se os pontos e as palmilhas... Tinham os mantos para as costas, rasgados.

As corôas estavam de banda; e mesmo uma, a do velho Gaspar da ladeira — rolara para ao pé da bezerra, que a enfiou inocente nos galhinhos. Desempenados e altos, tocando as traves do tecto, os sceptros ao ar manobravam com toda a delicadesa. Mas outra é que era a coisa. . . Tangia cada um em seu tacho (coisa talvez da visinhança) com um rebater de goso que voava ao longe e se perdia num éco meigo de resposta. E assim os três por muito tempo estiveram, sem maldade nenhuma ou sacrilégio, fazendo todo aquele repenique, como a folia da serra:—para bem. Mas o homem que oferecera os dois peixes, timidamente, arriscou a Suas Majestades êste remoque avisado:

— Altezas: por minha vida vos digo que coisa assim! Jámais. . .

E arrematou humildemente:

— Panelas velhas, Altezas, não cantam nos Reis, jámais. . .

Gaspar, Melchior e o outro ficaram parados, com um pé no ar. Então, por milagre de Jésus Infante, cada tatarino daqueles se transformou em campainha de oiro, badalando muito. . .

E os Reis se foram a palácio sem dizer nada a Herodes. . .

Quando a Avó acabou o conto eu acabei as minhas sopas:

— E o resto?

Ela não disse mais nada. Saltei-lhe do colo e fui á rua. Alguns rapazes jogavam o eixo-rebaldeixo:

— Ala ás 6 — dizia um.

Inocentemente lhe escorreguei pelas costas, rimando:

— Panelas velhas não cantam nos Reis. . .

Vitorino Nemésio

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

Dona Chica

Dona Chica *era uma cadela muito bem educada, severa nas suas apreciações, que tomáva chá em familia e ladrava em francês, o que é raro. O dono quiz dar uma posição social á* Dona Chica. *Era mesmo obrigado a dá-la, segundo o estado e segundo a Camara Municipal. E disse-lhe:*—Dona Chica, aqui tens a tua licença. *E explicou-lhe os direitos, os direitos caninos de que ela ficava possuidora.* Dona Chica *seguiu com as suas pupilas, as pupilas do dono; fez-lhe reverencia; rojou a cauda peluda pelo tapete e ouviu que podia acompanhar ao piano a menina da casa num amoravel concerto de duas vozes, que a vizinhança tinha de acatar; que podia ladrar livremente á autoridade; que podia passear, mesmo em noites de estado de sitio, o que não é licito a qualquer mortal.*

Ornada de todos estes direitos e mais alguns, que facilmente se compreendem, Dona Chica *com regalo gosa a vida, o pão com manteiga e os beijos do dono. Mas já comprometida em idade, veiu a falecer ha dias dum flato romantico, destrambelhado e fóra da epoca, que a policia está para averiguar e em que se acha implicado um D. Juan da quatro patas.*

Falecida a Dona Chica, *o dono, concertou os amigos e deu-a á terra, com algumas lagrimas sinceras.*

Mas a lei espreitava, inflexivel. O que é feito da Dona Chica? *inquere a Camara Municipal. O necrologio de* Dona Chica?

E o dono aflito, olha para a licença que tinha dado á cadela, quando ela era já usufructuaria de senso e compenetra-se de que, caso não participe o seu funeral, incorrerá na multa de cinco escudos.

Eis como a Dona Chica *passou á imortalidade pela lei, entrando no pantéon da C. M. L., onde, decerto, repouzará em estatua jacente, até ao juizo final, que é o que falta aos nossos conspicuos édis.*

A. P.

Miranda & Filhos
Joalheiros
PORTO 176-R. 31 de Janeiro-17
LISBOA 50-Rua Garrett-52

Brito Camacho

O Alto Comissario foi hoje cumprimentado pelo sr. Freire de Andrade

No seu gabinete da *Luta* o Alto Comissario de Moçambique, que todo o dia trabalhou em assuntos referentes á provincia—por ventura nas declarações a fazer ao *Diario de Noticias*, que já as anunciou—recebeu o sr. Freire de Andrade, antigo delegado português á conferencia de Johanesburgo, que o foi cumprimentar. A entrevista das duas altas personalidades coloniais foi cordealissima.

O sr. Brito Camacho voltou hoje a conferenciar com o sr. ministro das Colonias.

A morte da esposa do dr. Ricardo Jorge

Na sua ultima reunião, o conselho superior de higiene consignou na acta da sessão um voto de profundo sentimento pelo falecimento da esposa do seu vice-presidente e director geral de saude publica sr. dr. Ricardo Jorge.

Economia e higiene no calçado obtem-se com o CREME CRISTALINO
Sapataria Contente, L.da
74, RUA DO CARMO, 74

PROVIDENCIAS! PROVIDENCIAS!

A justiça

e a falta de juizes na Relação

ESCRIVÃES DE DIREITO QUE NEM SEQUER SABEM ESCREVER

Processos de papel de embrulho!

No Tribunal da Relação—aliás como em todos os tribunais—tudo cheira a jurisprudencia. Ha justiça por todos os lados, em todos os cantos... Nas estantes onde se avolumam tratados e compilações de leis, nos gabinetes dos senhores juizes, no salão, no proprio olhar dos continuos, aprumados ali como corpos de leis intangiveis e inviolaveis.

Fomos lá hoje de manhã. Ainda não estava ninguem. A justiça é uma coisa móroso e que requere, para a sua aplicação, uma paciencia beneditina. Voltámos depois. Já estava o senhor secretario, já estava o sr. presidente. Já estava a Justiça em ponto maior.

* * *

Somos introduzidos num gabinete que deita para o Tejo. O Tejo é sempre lindo—e apetece sempre viajar! Havia catraeiros. O ceu azul estava todo espalhado sobre as aguas. Ao longe, uma barquita á vela, seduziu-nos.

—Não é uma entrevista. Peço-lhe que não cite o meu nome.

—Esteja descançado. Será o que v. ex.ª quizer—e tudo incognito.

—Ha com efeito, falta de juizes, na Relação de Lisboa...

—E como se explica essa falta?

—Alguns estão aposentados, outros doentes, outros andam em comissões...

—Quantos juizes deve ter ao serviço a Relação de Lisboa?

—14—como a do Porto e a de Coimbra. Agora, aqui, só estão ao serviço 9.

—Ha muitos processos, então?

—A cada juiz, pouco mais ou menos, 500 processos por ano. Ha meses de 40—trabalho excessivo para alguns juizes, cuja avançada idade é para ser respeitada. De mais a mais, julgar é uma coisa muito séria. Uma creatura, quando chega aos setenta, só se fôr de construção muito forte é que póde julgar criteriosamente uma causa. O cerebro cança depressa. E ha processos volumosos, cuja leitura não póde fazer-se num dia.

—Segue-se, então, que nem os proprios 14 juizes do quadro chegam para a revisão de tantos processos!

—Antes da creação da Relacção de Lis-

—Antes da creação da Relação de Coimbra o numero era de 18. Como se supozesse que a creação do Tribunal da Relação de Coimbra vinha descongestionar as Relações, de Lisboa e Porto, o numero foi diminuido para 14.

—E as Relações de Lisboa e Porto foram, realmente, descongestionadas?

—O numero de processos não variou. Ha a atender a que a area da Relação de Lisboa é a maior. Tem o sul, tem parte do centro, tem as ilhas, tem Cabo Verde e Guiné. Por conseguinte, devia ter um quadro mais largo de juizes.

—O governo já providenciou?

—Já foi informado disto o sr. ministro da Justiça. Disto e de mais algumas coisas—a que é necessario atender-se.

—?

—E' necessario que os escrivães saibam escrever, e que o papel, aplicado nos processos, seja melhor.

Pelo que fica dito se conclui que em Portugal ha processos de mais e julgadores de menos.

PROFESSORES EXONERADOS

Foram exonerados, a seu pedido, de professor da escola primaria superior do Funchal, o sr. Jorge Silvio Pelico da Silva Neto, e por falta de posse no praso legal, o sr. Antero Portugal da Silva, professor da escola primaria superior de Mangualde.

A exposição Helena Gameiro

Só ámanhã pudemos publicar a noticia da explendida exposição de aguarelas de D. Helena Gameiro.

ACHADO DE DUAS BOMBAS

Esta manhã, fôram encontradas na rua da Rosa, por um policia, duas bombas de dinamite que ficaram guardadas na esquadra das Mercês.

50% DE ABATIMENTO COMPRANDO AS FAZENDAS DIRECTAMENTE AO FABRICANTE
JAIME PINTASILGO COVILHÃ

UM POSTO DE SOCORROS

Constituiu a Sociedade Portuguesa da Cruz Vermelha um edificio proprio para um posto de socorros e balneario anexo, o qual inicia os seus serviços ao publico no proximo dia 7 do corrente, na rua Rodrigues Faria, ao Calvario.

Neste posto serão gratuitamente tratadas todas as vitimas de desastres e serão vacinadas contra a variola todas as pessoas que o desejem.

Os funcionarios do ministerio das Finanças

cumprimentaram hoje o director geral da contabilidade

Os funcionarios do ministerio das Finanças procuraram hoje, em massa, o director geral da contabilidade publica, a quem foram patentear o seu desgosto e repulsa pela fórma por que ontem se lhe dirigiram funcionarios dos outros ministerios. O sr. Alexandre Malheiro, agradecendo a manifestação espontanea tanto do pessoal da sua direcção geral como do das outras direcções e serviços, declarou que, sem qualquer animosidade contra solicitações ou reivindicações de quaisquer funcionarios, no seu logar se tem limitado ao cumprimento da lei, informando com tanta lealdade e legalidade de todos os assuntos que nenhuma estação oficial até hoje foi capaz de provar que deixou de assim proceder em qualquer circunstancia.

UMA RECLAMAÇÃO JUSTA

OS FERROVIARIOS DAS COLONIAS NÃO POSSUEM PASSES

O que nos diz um empregado

A proposito da palestra com alguns ferroviarios do Sul e Sueste que na ultima sexta-feira reproduzimos, respeitante á ordem de serviço 56 da direcção daquela rêde, surpreendemos nos corredores do ministerio das Colonias um dialogo entre dois funcionarios graduados dos caminhos de ferro de Lourenço Marques, em situação de licença, e em cujas palavras se misturavam recriminações contra quem cerceou, nas linhas metropolitanas, a regalia dos passes e bonus aos ferroviarios do Estado, das colonias. O jornalista aproxima-se:

—Tambem os ferroviarios das colonias foram atingidos pelo cutelo?

—Ha talvez uns 15 anos, os empregados dos caminhos de ferro coloniais, pelo menos os do Estado, conseguiram, depois de representações feitas a quem de direito pelos ferroviarios de Lourenço Marques, que nas linhas do Minho e Douro e do Sul e Sueste lhes concedessem o bonus de 75 por cento, mediante a apresentação dos seus bilhetes de identidade, e aos funcionarios superiores não se dificultava a concessão de passes temporarios, quando eles os solicitavam. Comquanto o regulamento ao tempo, ausentasse no principio da reciprocidade entre administrações ferroviarias, para o efeito da concessão dos passes e bonus aos empregados e respectivas familias das redes combinadas—principio que, aliás, subsiste no ultimo regulamento, que é de Julho de 1919—o ministro de então entendeu, e muito bem, que não deviam ser excluidos os ferroviarios coloniais, só pelo facto de os seus colegas metropolitanos não poderem gozar a retribuição das mesmas regalias por parte dos cominhos de ferro do Ultramar, aonde não é muito facil ir-se em vilegiatura.

—Mas o regulamento agora vigente...

—Nada dispõe que justifique a exclusão que se vem fazendo e que até vexa os ferroviarios de Lourenço Marques, Loanda, Mossamedes, etc., pois eles são tão ferroviarios do Estado como o são os do Minho e Douro e do Sul e Sueste. As disposições vigentes não são mais impeditivas, no caso sujeito, que as do regulamento anterior, mas se a trindade administrativa dos C. F. E. faz *cavalo de batalha* do principio da reciprocidade...

—A concessão dos passes e bonus traria sensivel prejuizo aos caminhos de ferro do Estado?

—Nem vale a pena estimar a perda de receitas proveniente dessa concessão, quando se frize que não chega a uma centena o numero de ferroviarios que das colonias veem, na roda do ano, gozar as suas licenças na metropole. O que não faz sentido é que um ferroviario do Estado esteja sendo obrigado a pagar as suas passagens nas linhas da metropole como qualquer particular, quando é certo que aos oficiais e sargentos do exercito colonial é garantida aqui a redução de 50 por cento nos bilhetes de passagem. Nem tampouco é logico e razoavel que o regulamento, no seu paragrafo 2.º do artigo 4.º, conceda passes aos empregados superiores de caminhos de ferro estrangeiros, e que tenha esquecido os funcionarios superiores dum caminho de ferro do Estado. E' *gente do outro mundo*, como desdenhosamente apregoam os conspicuos defensores do referido regulamento, ignorando que, por exemplo, os caminhos de ferro de Lourenço Marques podem dar lições aos da metropole quanto a eficiencia e metodo de trabalho, mercê da intima colaboração com os progressivos e extensissimos South African Railways, e desconhecendo tambem que os empregados de aqueles mesmos caminhos de ferro usufruem os passes e bonus em varias redes ferroviarias da Inglaterra, por virtude de um antigo acordo em que beneficiam de parceria com os seus vizinhos colegas dos S. A. R.

AGUA CREME
RAINHA DA HUNGRIA
ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA LISBOA
PÓ D'ARROZ SABONETE
PEÇA-OS EM TODA A PARTE

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

TEATRO DE DECLAMAÇÃO

EMILIA FERNANDES

E A SUA ESTREIA

NO TEATRO NACIONAL

O que nos diz a nova actriz

Entrámos ha dias no palco do Teatro Nacional. Ensaiava-se *Mister Wu*, a nova peça que a Sociedade Artistica vai representar no dia 12. Nessa peça estreia-se, no Teatro Nacional, a actriz D. Emilia Fernandes, uma grande esperança do nosso teatro de declamação, e que o Conservatorio obteve o primeiro premio do seu ano. Temperamento romantico, servido por uma linha elegante e por uma inteligencia preciosa, a novel actriz podia sugerir ao jornalista um quarto de hora de palestra emotiva. Aproveitámos a primeira ocasião que se nos deparou.

—Que nos diz a nova actriz da nova peça.

Voltando para nós os seus olhos inteligentes e modestos, D. Emilia respondeu-nos:

—*Mister Wu*, pela sua originalidade e pelo seu entrecho dramatico, é uma peça certamente destinada ao mais completo triunfo. Creio que terá o maior sucesso. Mas, como sabe, nem sempre a plateia é da nossa opinião...

—Gosta do papel que lhe foi distribuido e em que se estreia como artista?

Emilia Fernandes teve uma curta hesitação. Depois declarou, entre modesta e risonha:

—Gosto muito. E' um papel interessante. Comtudo...

—? !

—Não é perfeitamente o genero dramatico para que sinto vocação. Por outra, o genero é o mesmo. O caracter é que é diferente. Faço uma chineza, sabe? Ora os chinezes são dolentes nas emoções, são comedidos no gesto, são calmos na aparencia,—embora as maiores tempestades lhes devastem a alma. E eu que sou nervosa, arrebatada, que não posso deixar de exteriorisar todos os sentimentos...

—Melhor, interrompemos. O seu esforço de interpretação será maior e maiores os aplausos que receber...

—Eu gosto imenso do teatro classico. Tem mais emoção, mais sentimento,—é mais real. Todavia, de bom grado olharei uma peça de Shakspear ao lado de uma outra de Bernstein ou de Bataille. Admiro imenso as produções psicologicas de Ibsen, sobretudo a *Casa da Boneca*. E dos modernos tantos outros como Rostand, Wilde, os irmãos Quintero, etc.

—E de autores portugueses?

—Eu lhe digo. Gosto de todos. Ha, porém, alguns que especialiso, como, por exemplo, Marcelino de Mesquita. Foi um belo dramaturgo, não acha?

Curvámo-nos. Preguntamos:

—E' cada vez mais irresistivel, a sua vocação para o teatro?

—Sim, responde. Sinto que não poderia ser outra coisa. O teatro exerce sobre mim uma atracção irresistivel...

—Dá-nos licença de saber porquê?

—Não lho posso dizer, porque não sei,—remata a nossa galante entrevistada, sorrindo-se de tanta pregunta e de tão grande insistencia.

E aqui teem os leitores o que nos deu a conversa com a novel actriz. No dia 12 estreia da noca peça *Mister Wu*, a que a imprensa estrangeira tem feito os maiores elogios.

Não começa mal, pois, o novo ano no Teatro Nacional.

CAMBIOS

DIA 5

	Comprador	Vendedor
Londres, cheque	2 7|16	2 3|8
» 90 d.	2 15|32	—
Paris	1 504	1$544
Berlim	2 1|2	3 1|2
Holanda	8 412	8$623
Espanha	3 324	3$411
Bélgica	1 403	1$440
Itália	1$089	1$118
Suiça	4 006	4$112
Suecia	5$7 8	5$869
Noruega	4$007	4$ 23
Dinamarca	4$329	4$563
Nova-York	21$190	21 750
Brasil	2$450	2$530
Rio Londres	6	—
Libra esterlina	100$000	107$000
Ágio do ouro	2$150	2 230

A POLITICA DAS ESQUERDAS

Vai haver um movimento revolucionario?

A POLITICA DO GOVERNO NÃO AGRADA A MUITOS REPUBLICANOS

A opinião do sr. Sá Pereira

A doença do sr. Antonio Maria da Silva não fez parar o relogio da politica. Ha quem julgue mesmo que o relogio se tem adiantado bastante durante este interregno governativo e que o chefe do governo, quando voltar ao Interior vai encontrar dolorosas surpresas.

A politica do governo, sabe-se, quando o governo trabalha. E a politica de oposição—porque não ha governo sem oposição—sabe-se, quando o sr. Sá Pereira, deputado democrático é encontrado e confessado á boa fé.

Ele disse:

—Fala-se numa revolução. Indicam datas próximas. Indicam nomes. Dizem que ela está bem organizada. Mas eu não acredito. . .

—A situação do governo?

—Não está resolvida por ter saido o sr. Leonardo Coimbra do ministerio. .

—Quem fala em revolução. . .

—Olhe, o boato chegou-me aos ouvidos. Eu sou contra as revoluções, contra os tiros. Uma manifestação que fôsse a casa do Presidente da Republica era o bastante para pôr isto—isto é governo—nos eixos.

—De que se queixa o sr. Sá Pereira?

—De tudo! O barrete cardinalicio... Afirmam que é apenas um acto diplomatico da Republica. O que eu sei é que aqueles que dizem agora isso, não falavam assim, dez anos atraz...

—Mas...

—Não me pergunte mais nada..

—Porquê?

—Não diria no jornal o que eu dissesse..

—O que é preciso fazer-se?

—Tudo quanto se afirmou nos tempos da propaganda...

—O ministerio...

—Está condenado...

—E' contra ele...

—Não, não sou; sou contra o que ele tem feito... Ha uma grande massa republicana que está descontente. Sabe-se...

—E' ele que faz o movimento . . . Movimento, que afinal não passa dum boato . . .

—Não sei . Já lhe disse: sou contra todas as revolucões . . . Pronunciei-me contra o ensino religioso e contra o barrete cardinalicio . . .

—O ministerio a formar?

—Gente do Parlamento e gente de fóra. E' impossivel organisar ministerios, como se têm organisado, em vinte e quatro horas, á pressa. E' impossivel.

E o sr. Sá Pereira lá continuou a sua marcha gloriosa para o Campo das Cebolas, nas mãos de outro jornalista.

Cruzador «Republica»

Vai deixar o comando do cruzador *Republica* o capitão de fragata sr. Oliveira Muzanty, que parece será substituido pelo capitão de fragata sr. Filipe de Paiva, actual 2.° comandante da escola de artilharia.

Governadores para Timor e Cabo Verde

O sr. ministro das Colonias só depois da reabertura do Parlamento é que tratará da nomeação dos governadores para Timor e Cabo Verde.

Quereis poupar o calçado? Usae o CREME CRISTALINO

Sapataria Contente, L.da

74, RUA DO CARMO, 74

Pescadores pobres

O sr. ministro da Marinha concordou com a proposta da Administração da Caixa de Auxilios a Pescadores Pobres, para serem abonadas subvenções aos pensionistas em harmonia com as posses da referida caixa.

DE LUTO

MISSAS

Mandada dizer por seus filhos, resou-se ante-ontem, na igreja de Proença-a-Velha, uma missa por alma da senhora D. Laura Pereira Prostes da Fonseca e do coronel de infantaria sr. Pedro Prostes da Fonseca, falecidos, respectivamente, em 23 de março de 1921 e em 23 de março de 1916.

Sufragando a alma da senhora D. Salomé Mafra de Lemos, tia do nosso camarada de redacção Aprigio Mafra, resou-se ontem, na paroquial de S. Sebastião da Pedreira, uma missa, que esteve muito concorrida.

MOBILIAS O que ha de melhor O que ha de mais barato O que ha de mais artistico

Sempre para confrontar 3 mobilias completas

Por Esc. 3.450$00

Casa de jantar ou quarto, escritorio e sala de visitas

J. de Gouveia, Campos & Comp.ª, Lim.da

152, Avenida da Liberdade, 152 (Junto ao Teatro Avenida)

Pelos teatros

José Loureiro

Parte ámanhã, no Sud-Express, para Paris, o empresario José Loureiro, que ali vai encontrar-se com o seu secretario Arnaldo Figueiroa, a fim de firmar todos os contratos que este, por sua indicação, entabolou com algumas das mais importantes companhias francesas, que vão este ano ao Brasil e Argentina. A ida da companhia do teatro Nacional ao Rio de Janeiro e que para José Loureiro marcaria apenas, não um negocio, mas uma digressão de caracter patriotico e de estreitamento de relações entre os dois paises, ficou assente que se fará em 1924, com um maior reportorio, em que avultarão, especialmente, os originais portugueses de maior reputação e nomeada, tendo a sanção das estações oficiais, vivamente interessadas neste assunto.

A José Loureiro desejamos uma feliz viagem.

"Ultima Valsa"

No teatro S. Luiz efectua-se ámanhã a primeira representação da opereta «A Ultima Valsa», de Strauss, tradução de Alberto de Morais, Stockler e Feliciano Santos. E' curiosa a historia desta peça, que se resume no seguinte:

Concluida em fins de 1913, foi apresentada em 1914 num concurso de operetas realizado no «Deutsche Theater», de Berlim, conjuntamente com 97 operetas alemãs, austriacas, italianas e algumas francesas, que depois se soube serem da autoria dos mais reputados maestros europeus, tais como Lehar, Fall, Stolz, Jacoby, Randogger, Eyoler e Ganne. A «Ultima Valsa» foi classificada em primeiro logar pelo juri, presidido pelo celebre Weintgartuer, obtendo por unanimidade o grande premio do concurso, o que deu logar a que fosse, desde logo, disputada pelas empresas mais importantes. Sobreveiu a guerra e isso impediu a sua carreira, que, anfial, só veiu a iniciar-se em 1919, naquele mesmo teatro, com um grande sucesso, unico, tão grande que, meses depois, era cantada em todos os teatros da Alemanha e Austria, com identico exito, contando-se por centenas as representações efectuadas. Em setembro ultimo, a «Ultima Valsa» ainda estava sendo cantada em 27 teatros da Alemanha, tendo sido a primeira peça alemã que se representou em Londres depois da guerra. O seu autor, Oscar Strauss, e igualmente autor do «Menestrel de aldeia», «A borboleta» e da celebre «Sonho de Valsa», conhecida em todo o mundo e representada entre nós pela companhia Taveira, no antigo teatro da Trindade.

Atrás do reposteiro

No Nacional representa-se até domingo a peça «O leque de lady Margarida»; na segunda feira, em recita que se não repetirá, sóbe á scena o original português de D. João da Camara, «Amor de Perdição»; na terça feira, 9, e quarta, 10, ultimas representações de «O leque de lady Margarida»; no dia 11, ensaio geral das peças «Mister Wu» e «O homem que passa» e no dia 12, sexta feira, primeira representação, em 4.ª recita de assinatura, destas peças. No dia 31 do corrente, a pedido do pulico, por ser dia feriado, dar-se-ha uma «matinée» com a peça «O leque de lady Margarida»

—Estreia-se no dia 1 de Março, no teatro Apolo, a companhia dirigida pelo actor José Ricardo e da qual faz parte, em representações, o actor Eduardo Brazão. Para esta companhia foi contratada a actriz Bemvinda de Abreu, que esteve muito tempo no Ginasio.

—Adoeceu gravemente no Porto, a gentil actriz Anita Salambó, primeira figura da companhia do Aguia de Ouro, tendo o seu medico assistente proibido que represente durante longo tempo.

—No Eden-Teatro efectua-se hoje a festa dos autores da revista «Tiro ao Alvo», Luis de Aquino, Xavier de Magalhães e Lourenço Rodrigues, reaparecendo esta noite, depois de alguns dias de ausencia, a actriz Maria Litaly, já restabelecida.

—O quadro novo que vai ser introduzido na revista «Rosa Tirana», em ensaios no Eden, intitula-se «A inspiração do poeta».

—Da gentilissima actriz Auzenda de Oliveira, a galante «estrela» do S. Luis, recebemos um amavel cartão de cumprimentos pela entrada do novo ano.

—A companhia Armando de Vasconcelos partirá para o Rio de Janeiro em meados de Maio, estreando-se no final desse mês no teatro Republica daquela cidade.

—A companhia Luis Ruas estreia-se no mesmo teatro em Março, regressando a Portugal em fins de Agosto para reaparecer em Setembro no Nacional do Porto.

—Vão causar verdadeira sensação os trabalhos da nova companhia de circo que ámanhã realiza a sua estreia no Coliseu dos Recreios. No elenco da companhia estão incluidos as maiores celebridades artisticas da actualidade, as maiores e mais completas novidades que se teem apresentado, com grande exito, nos circos estrangeiros.

POLITEAMA HOJE

Mamã COLIBRI

com PALMIRA BASTOS

JOALHARIA LORY Joias de alta novidade. Oficinas proprias, encomendas e concertos. Compra brilhantes pelo maximo valor actual.

ROCIO, 40 Tel. N.te 3843

OS MAIS IMPORTANTES

FABRICANTES EM PORTUGAL

DE

Artigos de Viagem

Malas de mão e Pastas

Estojos de manucure e viagem

Carteiras para homem

As ultimas novidades em **Carteiras e malinhas para senhora.**

Brevemente ampliação das nossas oficinas e distribuição do nosso catalogo com gravuras e preços.

JOAQUIM COSTA, L.DA

Tel. N. 3259—RUA DA GLORIA, 21, 2.° (á Avenida)

A' grande Baixa de Calçado

a Sapataria Social Operaria

Sapatos em calf-preto para senhora. a . .	19$00
Sapatos em verniz todos os modelos a. .	20$00
Botas calf-preto com duas solas.	27$50
Grando saldo de botas brancas	17$15

Um colossal sortimento em calçado para crianças

Grande saldo de botas de côr para homem a. . . . . 27$00

Vão vêr, pois só lá se encontra Barato e Bom

16, Rua dos Cavaleiros, 20, com filial no n.° 66

RAPOZAS

Mongôlias e outras variedades de peles nacionais e estrangeiras a preços reduzidos.

Curte, tinge, limpa e confecciona toda a classe de peles. Execução rapida e perfeita de qualquer modelo.

Tinturaria de vestidos e fatos, côres inalteraveis.

Direcção de habeis tecnicos em todas as secções

Rua das Pretas, 49, 2.°

(á Avenida)

Pinto & Sotto Mayor

BANQUEIROS

LISBOA	PORTO
Rua do Ouro, 18, 24	Praça da Liberdade, 28, 29

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO

BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL

Operações financeiras—Fundos publicos nacionaes e estrangeiros

---

Banco Industrial Português

Séde em Lisboa: RUA AUGUSTA, 114

CAPITAL AUTORIZADO 50.000:000$ LISBOA CAPITAL REALIZADO 5.000:000$

Operações — Descontos — Transferencias — Emprestimos e creditos em conta corrente—Compra e venda de cambiais—Cartas de credito sobre o país e estrangeiro—Depositos á ordem e a praso — Guarda de titulos — Aluguer de cofres (casa Fichet, Paris)

FILIAIS: PORTO—COIMBRA—VIANA DO CASTELO—SANTAREM—FARO E PONTA DELGADA

Correspondentes: Nas principais terras do país e em todas as praças do estrangeiro

---

TRATAMENTO DA TUBERCULOSE PELA

LITHANE

DO PROF. WILSENGOLD

BRUXELLAS

ADOPTADA COM OPTIMOS RESULTADOS NOS HOSPITAES CIVIS E MILITARES DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Depositaria:

SOCIEDADE PORTUGUEZA DE COMERCIO L.DA

RUA VITOR CORDON - 11

LISBOA

MEIAS

Acabam de chegar!!

300

duzias de meias de seda, preto e côres, a

9$490

CASA DAS MEIAS

115—Rua do Ouro—119

FATOS E SOBRETUDOS

fazem-se com perfeição e rapidez. Preços economicos, bons forros, belo acabamento. Vai-se a casa do freguez. Escrever postal a

D. RELVAS

R. DO DUQUE, 11-3.° E.—LISBOA

CORRÊA LEITE, SANTOS & C.A

BANQUEIROS

53, RUA AUGUSTA, 59 — 101, RUA DA CONCEIÇÃO, 107

Telefones: Central 237-558

Telegramas: Portubraz-Lisboa

TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS

CORRESPONDENTES NO PAÍS E ESTRANGEIRO

Depósitos á ordem e a praso em moeda nacional e estrangeira. — Compra e venda de cambiais, notas e moedas estrangeiras. — Descontos e transferências. — Papeis de crédito e «coupons». — Ordens de bolsa. — Guarda de titulos, etc., etc.

Esta casa iniciou em 30 de Dezembro as suas transacções

PAPELARIA VIUVA MARQUES

TELEFONE C. 2676

LIVROS COMERCIAIS PARA ESCRITURAÇAO

Artigos de escritorio — Material para desenhadores

PREÇOS MODICOS

34 a 38, RUA DO OURO, 34 a 38

— LISBOA. —

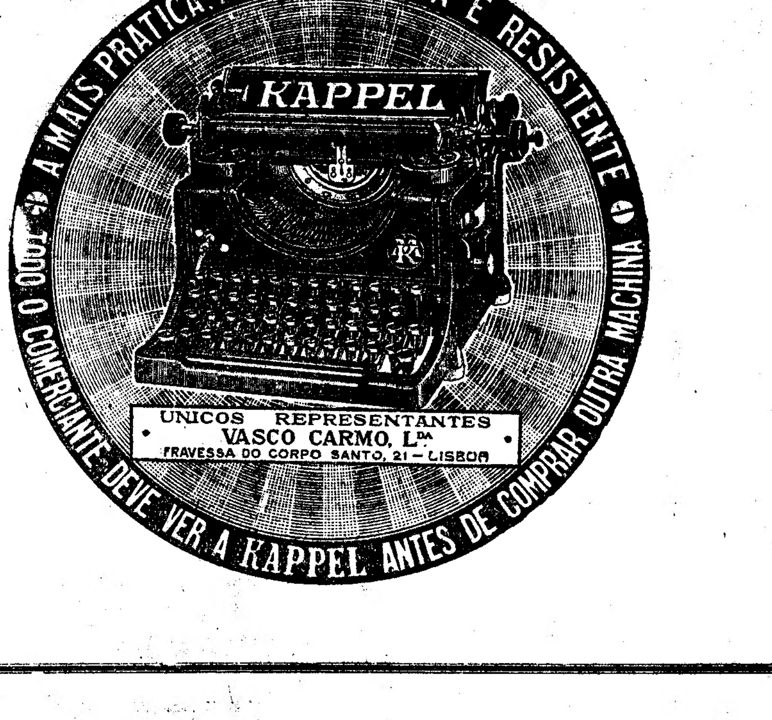
COMPRAMOS, POR ALTO PREÇO, JOIAS ANTIGAS E MODERNAS, BRILHANTES GRANDES, OURO, PRATA E PLATINA.

JOIAS

TEMOS EM EXPOSIÇÃO UM GRANDE SORTIDO DE JOALHARIA E PRATAS ARTISTICAS QUE VENDEMOS NAS MELHORES CONDIÇÕES

RUA EUGENIO DOS SANTOS, 17 — Telefone 3759-N.

Barreto & Gonçalves, L.da



DAS 5 PARTES DO MUNDO

ESTRANGEIRO

DAS 5 PARTES DO MUNDO

A CONFERENCIA DE PARIS

OS ALIADOS

vão retomar

a liberdade de acção

AS DIVERGENCIAS

entre a França e a Inglaterra

PARIS, 5

Terminaram as negociações entre os aliados sem que se tivesse chegado á conclusão da questão da moratoria; a França, a Belgica e a Italia conservam a sua liberdade de acção. E' duvidoso que a França use dessa liberdade com sangue frio e moderação; ao contrario, é de esperar que proceda resoluta e firmemente para pôr em execução o seu programa conciliador. A divergencia actual entre as duas potencias, França e Inglaterra diz apenas respeito a um ponto particular, mas não ha rompimento das relações amigaveis entre os dois paises, como o provam as declarações cordiais feitas pelo sr. Bonar Law e pelo sr. Poincaré.

A questão da moratoria

A decisão do pleito pertence agora á Comissão das Reparações, que poderá conceder a moratoria por maioria de votos, não excedendo provavelmente a 2 anos. A França baseará a sua acção para o embargo dos penhores, principalmente no anexo II do tratado de Versailles, que permite aos aliados, no caso em que a Alemanha falte aos seus compromissos, tomar todas as providencias economicas e financeiras ou ainda quaisquer outras que os respectivos governos interessados julguem necessarias. Provavelmente a Comissão das Reparações pronunciar-se-ha em primeiro logar sobre as faltas do Reich quanto ás entregas de carvão.—(H.).

O fecho da conferencia...

PARIS, 5

Terminou a conferencia. Os srs. Poincaré e Bonar Law fizeram declarações constatando o desacordo entre a França e a Inglaterra sobre a questão das reparações. A delegação britanica parte ámanhã de manhã. As negociações continuarão ámanhã entre as delegações francesa, belga e italiana.—(H.)

LÊR A REVISTA
DE TEATRO
NUMERO ESPECIAL
ROSAS DE TODO O ANO
EM 3 LINGUAS
COLABORAÇÃO ESCOLHIDA
Cerca de 90 paginas e de 60 gravuras
Restauradores, 13 — Tel. 2914 N.

A ACTUALIDADE INTERNACIONAL

CEM MIL

ORFÃOS GREGOS E ARMENIOS

estão sendo protegidos pela Sociedade Americana Oriental de Socorros

A Sociedade Americana Oriental de Socorros aos Gregos Foragidos da Turquia comunicou ao governo de Atenas que está, presentemente, auxiliando cem mil orfãos gregos e armenios. O quartel general desta colossal organisação tem delegações, até, em Constantinopla; mas, em consequencia das dificuldades postas pelas autoridades otomanas—entre elas a de agravar com direitos cada vez maiores as mercadorias importadas pela Sociedade, dos Estados Unidos, foi resolvido transferir para Atenas o centro de operações que actua na velha capital turca.

Luta-se com falta de abrigos para tanto desgraçado—são cem mil—apesar de todas as facilidades gregas.

Os directores da caritativa instituição pensam em dispôr de um asilo proprio para a proxima primavera, devendo o imenso orfanato ser construido em qualquer das ilhas de Corfu, Creta ou Lyra. Dar-se-ha ás crianças educação comercial, industrial e agricola durante sete anos, de maneira a tornar os educandos uteis á sociedade e aptos para ganhar a vida por si. A's meninas dar-se-ha a instrução apropriada.

A idade dos orfãos socorrridos oscila entre 6 e 14 anos, calculando-se em dois milhões de dollars a despeza a fazer, anualmente, com a sua manutenção.

A arte do crime

CURIOSOS HABITOS DUMA TRIBU INDIANA

Segundo um jornal de París um missionario catolico fez recentemente curiosissimas revelações ácerca da ética de algumas tribus da India com as quais teve necessidade de estar em contacto por virtude do seu munus. Essas tribus dedicam-se, por profissão e por tradição, ao roubo, ao banditismo e ao assassinio, considerando como uma deshonra todos os trabalhos manuais

De harmonia com tal criterio, educam os filhos, desde crianças, na arte de roubar; e a sua arte consiste em descrições mais ou menos poeticas de horrorosos crimes cometidos nos seculos passados.

A educação completa destas estranhas creaturas compreende três graus. O primeiro refere-se ao roubo de colheitas e de gado; depois, aprende-se a assaltar e a roubar uma casa de campo, assassinando, se necessario fôr, os seus moradores. Por ultimo ensinam-se os «educandos» a roubar e a matar sem ruido e sem deixar vestigios da proesa.

O chefe da curiosa e feroz tribu, cuja organização é, pelos modos, maravilhosa, tem sobre si o encargo de determinar e planear as expedições. Não ha perigo de delações. Quando se descobre—o que é raro—um roubo ou um assassinato, quem se responsabiliza é a tribu inteira. Se os delinquentes foram apanhados em flagrante a tribu, não podendo ser responsabilisada colectivamente, toma a seu cargo a familia dos acusados, rodeando-a de todo o bem estar e conferindo-lhe as honras mais elevadas de que dispõe.

A depreciação do marco

A Alemanha tiranisada pelo capital estrangeiro

Constituiu-se recentemente em Nova York uma sociedade—United European Investors Ltd.—com o objectivo de permitir aos especuladores americanos que sejam possuidores de marcos, a inversão das fabulosas quantidades que ainda conservam, da depreciada moeda, em valores hipotecarios, bens imoveis e acções de sociedades de seguros ou de outras empresas tudescas.

O capital social deste organismo é de 60.000 dolars, em acções preferentes, 600 milhões de marcos em acções ordinarias. Um «comité» alemão estabelecido em Hamburgo e protegido pelos «Deutsche Bank» e «Nordeutsche Banck» serve de intermediario nas transacções, tendo conseguido já, em pouco tempo, a acquisição de bairros inteiros em Colonia, Hamburgo, Berlim, e outras grandes cidades da Alemanha.

Sabe-se tambem, que, ao mesmo tempo, identicos grupos financeiros se constituiram na Holanda e na Suissa.

O resultado será, naturalmente, não tardar muito que o proprio Reich venha a tornar-se propriedade dos estrangeiros.

A proposito escreve um grande economista alemão — Alfredo Lansburgh — que «jámais um povo vencido se viu forçado, como a Alemanha, a suportar de maneira tão humilhante a tirania do capital extranho»

E tem razão.

NOTICIAS DA AMERICA

REPARAÇÕES

e o que diz

o presidente Harding

OS AMERICANOS

vão fazer parte da comissão?

LONDRES, 5

O New York Herald *diz que o presidente Harding está convencido de que o problema das reparações póde e deve ser resolvido, devendo estar a America preparada para dar a sua opinião no momento preciso e quando os recursos americanos lhe permitam colaborar largamente com a Europa.*

O senador republicano Robertson solicitou do senado que determinasse que os Estados Unidos retomassem os seus logares na Comissão das Reparações. O senhor Harvey embaixador da America em Londres acha esta medida absolutamente necessaria.—(R.).

As dividas inglesas á America

NEW YORK, 5

Os senhores Baldwin chanceler do tesouro inglês, Montagu, governador do Banco de Inglaterra e os tecnicos da tesouraria inglesa desembarcaram em New York a caminho de Washington para discutir com a administração dos Estados Unidos a questão da consolidação das dividas inglesas á America. A discussão deste assunto será iniciada na proxima semana.—(R.).

SIM OU NÃO?

Norma Talmadge no Cinema Condes

Uma grande actriz americana, Norma Talmadge, reaparece hoje no *écran* do Condes. Trata-se de uma sensacional estreia, o *film* de arte *Sim ou não?* interessantissima e delicada alta comedia dramatica em que é magistral o desempenho da notavel artista.

Matias Sandorf, o esplendido romance de aventuras de Julio Verne dá-nos a emoção do seu 3.º e 4.º episodios, e a chistosa comedia de Harold *Patifa de Primavera* preenche o soberbo programa de hoje no elegante cinema.

TEATRO SÃO LUIZ
CONCERTOS BLANCH
DOMINGO, 7 DE JANEIRO
MATINÉE, ás 3 horas da tarde
6.º CONCERTO DE ASSINATURA
da Orchestra Synfonica Portugueza
dirigida pelo maestro PEDRO BLANCH
com o concurso do distincto violoncellista professor Henrique Mendonça
Notaveis primeiras audições
— PROGRAMA —
1.ª Parte — I — Freyschutz, ouverture, Weber. — II — Tristão e Isolda, Preludio e Morte de Isolda, Wagner. — III — Polaca em Dó (1.ª audição), Chopin, Orchestração de Tomás Breton.
2.ª Parte — IV — Concerto em Lá menor, Saint-Saens, para violoncello e orchestra. Allegro non troppo; Allegro con moto; Final — Violoncello, professor Henrique Mendonça.
3.ª Parte — V — Don Juan, poema synfonico, R. Strauss — VI — Rapsodia hungara em Ré, Liszt.
BILHETES Á VENDA

POLITEAMA
EMPREZA LUIS PEREIRA
Telef. 3028 N.
C.ª REY COLAÇO-ROBLES MONTEIRO
HOJE ás 21,30
Mamã Colibri
O maior sucesso da temporada
Extraordinaria creação de PALMIRA BASTOS
Magnificos mobiliarios da «Antiquaria de Portugal, 14, Calçada do Sacramento»
ORQUESTRA SINFONICA DE LISBOA
Regencia de FERNANDES FÃO
DOMINGO, 7 — 8.º Concerto de assinatura
Programa esplendido

NACIONAL
Telef. N. 3049 HOJE — ás 21 horas
SENSACIONAL SUCESSO
A representação da peça em 4 actos de Oscar Wilde, tradução de Julio Dantas
O LEQUE DE LADY MARGARIDA
Na proxima semana: 4.ª recita de assinatura
MISTER WU, peça em 3 actos
O HOMEM QUE PASSA, peça em 1 acto
Segunda feira, 8: Recita extraordinaria
AMOR DE PERDIÇÃO — Bilhetes á venda.

TEATRO SÃO LUIZ
Companhia de opereta ARMANDO DE VASCONCELOS da qual faz parte a actriz Ausenda de Oliveira
ÁMANHÃ — 1.ª representação da celebre opereta em 3 actos de Strauss, tradução de Arnaldo Stockler e Feliciano Santos
A Ultima Valsa
A actriz cantora ALDINA DE SOUZA no papel de VERA LIBERNOFF

HOJE ás 21,30
TEATRO SALÃO FOZ
Recita de homenagem aos autores
Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes, João Bastos e Henrique Roldão
50.ª representação da engraçada comedia em 3 actos
O ARROZ DOCE
ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES
Sucesso colossal Gargalhada permanente

6 HORAS DA TARDE — ULTIMAS NOTICIAS — 6 HORAS DA TARDE

A POLITICA DO PAIS VIZINHO

O CHEFE DO GOVERNO HESPANHOL é entrevistado

pelo nosso brilhante colaborador Joaquim Leitão

(Continuação da 1.ª pagina)

ceber antes das 2 h. da tarde, sendo já 1 hora e um quarto. Anunciamos-lhe que vamos trocar duas palavras, de pé, e restitui-lo á sua manhã politica.

* * *

Não consente. Conduz-nos ao sofá, como quem nos houvesse reservado não a manhã, mas o dia todo. E havia no á vontade deste homem vivido e expansivo, uma tal luz de triunfo que nós—surpreso de encontrar pela primeira vez em nossa vida um homem que mostrava estar satisfeito de estar onde estava—lhe fizemos esta pregunta impremeditada:

—Está contente?

—Muito!—respondêu-nos o marquês de Alhucenas, com sinceridade, com bom humor e com um *charme* que nunca mais esqueço.—Consegui a união das esquerdas, das diversas facções liberais. Vejo republicanos colaborando connosco, reconhecendo a Coroa, de modo que hoje as esquerdas apresentam *uma frente unica* que dispõe de força e permite governar duradouramente e trabalhar pela Espanha.

* * *

—Daqui até á nova sessão legislativa terá muito tempo de limar certas arestas... Só para a Primavera terão Camaras... Daqui até lá a questão das responsabilidades está amortecida, talvez esquecida.

—Não creio!...—exclamou o Marquês, num dos seus raros minutos sombrios.—E' uma questão que apaixonou a opinião publica demasiadamente, para assim esquecer... Não viu a manifestação popular de domingo?

—Vi.

—Então... E' claro que o governo não foge do apuramento das responsabilidades, como não se arreceou da manifestação de domingo que veiu ás ruas de Madrid reclamar esse apuramento. Os conservadores não a teriam consentido. Nós...—e acabou com um gesto que queria dizer: *passem! A' vontade!* Para rematar:—Nós governamos com a opinião publica, com o país.

* * *

No pouco tempo de que dispunhamos e que entendiamos poder consumir áquele chefe de governo, dois ou três assuntos bastavam para compôr esta entrevista e dar uma impressão do estadista que gere hoje os destinos da Espanha. Basta percorrer meia duzia de teclas para experimentar o som de um Bechstein.

—Relações entre Portugal e Espanha?

—Que quere que lhe diga das relações entre Portugal e Espanha? Não leu o que ha pouco tempo El-Rei disse a um jornal português...

—O *Diario de Noticias*...

—Sim. Pois já sabe o que Sua Majestade pensa sobre tal assunto, e o que nós outros pensamos: um estreitamento sem reservas, áparte as naturais, uma amisade leal, uma solidariedade desassombrada.

* * *

—A despeito dessa boa vontade, o problema do aproveitamento das quedas dagua continua sem solução. As quedas dagua, desaproveitadas como estão, são verdadeiros baldios fluviais, riqueza por lavrar!

—Bem dito!

—Ha meio seculo que Andrade Côrvo se queixava no parlamento português de que esse assunto não andava. Muito boa vontade de ambas as partes, mas boa-vontade empirica. Chega-se á pratica, e não há meio de andar para deante.

—Mas vai andar agora! Em que estado se encontra esse assunto, sabe?

—Não sei, sr. Marquez. Só sei que um dos nossos embaixadores em Madrid, em tempos, trabalhou muito na questão das quedas d'agua do Douro. Depois fez-se um silencio de tumulo.

—Vou saber, e isso vai andar.

* * *

Sorriu expansivamente, confiadamente no destino e na predestinação do seu governo, insistindo:

—Os propositos do meu governo nesse problema internacional são: realisar. S. M. o Rei... não viu El-Rei?

—Não, sr. Marquez.

—Mas eu proporciono-lhe a audiencia atravez o ministro da Gratia e Justiça.

—Mas não sei se Sua Magestade poderá receber-me...

—Recebe-o.

—Mas não me demoro o bastante...

—Quando retira?

—Esta noite.

—Ah! Para hoje é impossivel! Mas quando voltar a Madrid escreva-me que eu tenho-lhe a audiencia preparada.

—Muito obrigado.

—E como não pode ver desta vez Sua Magestade, vou dizer-lhe só o seguinte: El-Rei nunca fala com um homem publico que não insista em lhe fazer compreender os seus pontos de vista ácerca de Portugal! Nunca!

Era um traço inedito, final de acto, quanto mais de entrevista.

Joaquim Leitão

O 19 DE OUTUBRO

NA AUDIENCIA DE HOJE continuou a depôr o oficial de marinha Agatão Lança

Um incidente com o sr. coronel Manuel Maria Coelho

O presidente, general sr. Camacho declara reaberta a audiencia ás 12,50 horas. Antes, tinham sido fotografados os advogados no jardim do tribunal. Na chamada das testemunhas falta mais uma vez o deputado sr. José Domingues dos Santos.

Continua a depor o deputado sr. Agatão Lança.

O promotor:

—Parece-me conveniente que v. ex.ª esclareça o conselho sobre os boatos de atentados, correntes antes e depois do movimento?

—O meu depoimento é baseado em factos.

O sr. dr. Cunha e Costa:

—Eu vou fazer a v. ex.ª, algumas preguntas. Segundo diz o sr. Agatão Lança, encontrou ás 8 horas da manhã, no Rossio, um sargento da armada.

—Perdão, não disse isso.

—Disse v. ex.ª que encontrou uma pessoa que lhe disse que o sr. Cunha Leal, estava fóra de Lisboa. E só á noite encontrou outra pessoa que lhe disse que ele estava em Lisboa?

—Sim, senhor.

—No hotel de Santa Justa, quando v. ex.ª pediu ligação para casa do sr. Cunha Leal, conseguiu-a logo?

—Imediatamente.

—O sr. Cunha Leal, disse-lhe que tinha em sua casa o dr. Granjo?

—Não, senhor.

—V. Ex.ª escreveu depois de jantar uma carta a Afonso de Macedo e Jacinto Simões e entregou-a ao primeiro artilheiro que encontrou no caminho?

—Sim, senhor.

—Essa pessoa que lhe disse que o sr. Cunha Leal, estava em Lisboa, deu-lhe a entender que ele tinha em sua casa o dr. Granjo?

—Não, senhor.

—Peço a v. ex.ª para que apele para a sua memoria, para me dizer o conteudo do telefonema interceptado na Central?

—«Passou preso o dr. Antonio Granjo, e vão-lhe cortar a cabeça. Sr. Cunha Leal, venha cá depressa».

—V. Ex.ª disse que o capitão sr. Sousa Guerra, tinha ido comsigo a casa do sr. Presidente da Republica. Parece-me que está equivocado porque ele a essa hora estava nos Pupilos do Exercito.

—V. Ex.ª está mal informado...

—V. Ex.ª, se estivesse no Arsenal, evitava a morte do dr. Antonio Granjo?

—Sim, senhor. Organizava uma força de marinha e colocava-a em frente da casa onde estava o preso. Já disse que não se prefere impunemente á vida de sacristão a vida de oficial do exercito!

—Não vá v. ex.ª dizer isso ao padre Domingos de Cabeceiras de Basto, porque ele é de opinião de que, para se ser bom oficial, é necessario, primeiro, ter sido padre. (Risos).

* * *

A audiencia foi interrompida por duas vezes, logo ao começo, para o presidente do tribunal conferenciar com o chefe do gabinete da Guerra que chegára momentos depois de iniciados os trabalhos. A's 15 horas, durante o intervalo, o major sr. Ferreira do Amaral, defensor do major sr. Arez, foi chamado tambem ao gabinete do general sr. Camacho. Liga-se grande importancia a estas conferencias sobre cujo motivo se guarda o maior sigilo.

Notou-se hoje uma vigilancia mais rigorosa por parte da força publica que fez o serviço de policia ao tribunal.

O dr. Amancio de Alpoim:

—V. Ex.ª disse que entregou uma carta a um marinheiro, que mais tarde soube que ele a entregou na Rotunda a um oficial alto com a graduação de capitão?

—Sabe se foi ao capitão sr. Loureiro?

—Não, senhor. Porque oficiais altos ha muitos.

—O que dizia essa carta?

—Meus caros amigos: «Consta-me que alguns revolucionarios pensaram ir a casa do sr. Cunha Leal, para o vexarem».

—Não lhe dizia que ele tinha lá o sr. dr. Granjo?

—Pois se não o sabia!

* * *

—E' bom compreender que não ha só duas pessoas verdadeiras entre seis milhões de habitantes! O sr. Benjamim Pereira, não é reu neste processo; mas v. ex.ª já ontem o condenou, classificando-o dum meseravel. Tem algum facto que o prove?

—Pára mim, quem falta á sua palavra de honra, é a classificação que merece.

—Que bases tem v. ex.ª para chamar miseravel em pleno tribunal?

—O sr. Cunha Leal, não fez uma acusação tão energica contra o sr. Benjamim Pereira!

—Mas eu não me guio pela cabeça do sr. Cunha Leal.

* * *

O coronel sr. Coelho é acareado com a testemunha.

Coronel Coelho:

—Em Portugal todos me conhecem. Nunca deixei de cumprir os meus deveres. Nunca admiti que alguem se désse ao luxo de me dizer desprezivelmente: «o sr. não merece cumprimentos por uma obra destas». A que proposito o sr. Presidente da Republica incumbiu o sr. Agatão Lança, que não tinha categoria...?

* * *

Agatão Lança, com energia:

—Repilo energicamente as palavras do sr. coronel Coelho! Ele está num tribunal e não póde continuar a falar assim. Então eu não teria categoria para levar um recado do sr. Presidente da Republica ao sr. coronel Coelho. Sr. Presidente, o sr. coronel Coelho, não póde continuar a falar no mesmo metal de voz, sobre pena de se dar um acto desagradavel.

Coronel Coelho:

—O sr. Agatão Lança disse que havia ido a casa do sr. Presidente da Republica noticiar a morte do sr. Granjo. O seu depoimento é inverosimil. Como é que o sr. Agatão Lança me vai dizer que me procurou por ordem do sr. Presidente da Republica, para eu formar governo.

Agatão Lança:

—Erro não é...

Um dos jurados faz qualquer observação, ao que responde o coronel Coelho:

—Estou impossibilitado de falar. Lamento que se insulte um homem que se não póde defender. A minha vida é bem conhecida. Eu não matei homens no 14 de maio, nem na Escola de Guerra...

A audiencia prossegue.

ALSTER HOTEL RESTAURANT
Trafaria
Proprietaria B. J. FELGENHAUER

A POLITICA DOS PARTIDOS

A FUSÃO LIBERAL-RECONSTITUINTE e as opiniões

dos srs. drs. Antonio Correia e Jacinto Simões

A fusão de liberais e reconstituintes, que teve inicio na acção comum dos parlamentares dos respectivos grupos, parece passar do campo das combinações ao das realidades, dissolvendo-se ambos e criando-se um novo agrupamento. Assim, realizou-se ontem a reunião conjunta das comissões paroquiais dos dois partidos, começando oficialmente a trabalharem no mesmo sentido politico.

Que consequencias trará a união dos dois partidos do regime?

* * *

Tem a palavra o sr. dr. Antonio Correia, fogoso deputado liberal por Portalegre:

—Estou absolutamente convencido de que ela é duma grande utilidade para a Patria e para a Republica.

—Julga que ela passará dos gabinetes e se tornará uma realidade?

—E' claro. E digo-lhe mesmo mais:—se ela se não fizer, se não se crear uma força conservadora, de molde a poder contrabalançar a acção do partido democratico e a substitui-lo no poder, *isto* vai para o fundo!

—Isto, o quê?

—Não só o regime, talvez até o país. Não pode continuar este *gachis* politico.

* * *

Fala agora o sr. dr. Jacinto Simões, nome que em seguida ao 19 de outubro andou muito nos jornais:

—Dr.: o que pensa da fusão dos liberais e reconstituintes?

—Penso que não dá nada. Acho mesmo uma infantilidade dispôr das correntes de opinião como quem dispõe de reagentes quimicos num laboratorio. Isso que para aí se está fazendo cai pela base...

—Disse-nos há pouco um deputado liberal que, ou a fusão se fazia ou isto ia para o fundo...

—Mas no fundo já isto está... E não é com fusões, nem com confusões que se pode salvar. Quando um país chega a esta situação, só se pode levantar por uma energica ditadura que seja como um cauterio na chaga...

Na Tcheco Slovaquia

Um atentado contra o ministro das finanças

PRAGA, 5.

O sr. Rosin, ministro das finanças, foi gravemente ferido com um tiro de revólver. O agressor declarou que actuou por odio politico.

Limpeza e conservação do calçado obtem-se uzando o CREME CRISTALINO
Sapataria Contente, L.da
47, RUA DO CARMO, 74

Entero colite crónica — Seu tratamento
ESTORIL-TERMAS

A marca do melhor calçado de luxo

ELEGANTES
e
aristocraticos modelos
para a presente
estação
CASIMIRO SILVA
Telefone 3895 N.
112, Avenida da Liberdade, 114
—LISBOA—